

DESIGUALDADE ENTRE NEGROS E NÃO-NEGROS AINDA PERSISTE NO MERCADO DE TRABALHO

No Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, a sociedade brasileira homenageia Zumbi dos Palmares (1655-1695) e os ideais de liberdade que o líder negro representa

A população negra¹ tem presença marcante na Região Metropolitana de São Paulo, representando 36,5%² da população total em 2007. Entretanto, ainda persistem grandes diferenças de inserção no mercado de trabalho entre negros e não-negros.

Na Região Metropolitana de São Paulo, pelas informações da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Fundação Seade e do Dieese, os negros eram, em 2007, pouco mais de um terço da População em Idade Ativa e da População Economicamente Ativa, minoria, portanto, em relação aos não-negros, que representavam 64% destes contingentes. No entanto, as dificuldades encontradas pelos negros para se inserirem no mercado de trabalho são significativamente maiores, expressas sobretudo na sua elevada proporção no contingente de desempregados (42,9%). Em grande parte, esse descompasso reflete o acúmulo de carências ao longo de várias gerações, cujos efeitos levam ao comprometimento de uma formação adequada que prepare o indivíduo para o mercado de trabalho.

Tradicionalmente, os negros entram no mercado de trabalho mais cedo do que os não-negros e permanecem nele por mais tempo, fato associado a um tipo de inserção mais frágil, muitas vezes relacionada à menor qualificação profissional, o que leva à auto-ocupação, ou ao emprego doméstico e à Construção Civil, em que a remuneração e o valor da aposentadoria costumam ser insuficientes para suprir os gastos da família.

O nível de escolaridade dos negros tende a ser inferior ao dos não-negros. Como se sabe, a escolaridade é especialmente importante por ampliar oportunidades de melhor inserção no mercado de trabalho e de se obter maior remuneração. Decerto,

¹ O segmento de negros consiste em negros e pardos e o de não-negros, em brancos e amarelos.

² Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD.

isso se verifica também entre os negros, embora estes últimos, sobretudo nos estratos de renda mais elevados, tendam a receber rendimentos do trabalho inferiores aos dos não-negros.

Essas informações são detalhadas a seguir, com alguns pontos destacados para as mudanças estruturais ocorridas no período de 1998 a 2007, que apontam para avanços importantes, mas ainda insuficientes para garantir uma situação de equanimidade entre os dois segmentos populacionais analisados.

Mercado de Trabalho

1. Em 2007, a População Economicamente Ativa negra totalizou 3.678 mil pessoas, o que equivale a 36,1% da força de trabalho disponível na Região Metropolitana de São Paulo. Entre esses, 82,4% estavam ocupados, enquanto 17,6% permaneciam desempregados. Já a PEA não-negra representava 6.511 mil pessoas, das quais 86,7% estavam ocupadas e 13,3%, desempregadas. Apesar de a população negra participar com pouco mais de um terço da PEA, sua proporção no contingente de desempregados correspondia a 42,9% desse total (Tabela 1).

Tabela 1
Estimativas da População em Idade Ativa, População Economicamente Ativa, Ocupados, Desempregados e Inativos, segundo Raça/Cor
Região Metropolitana de São Paulo
2007

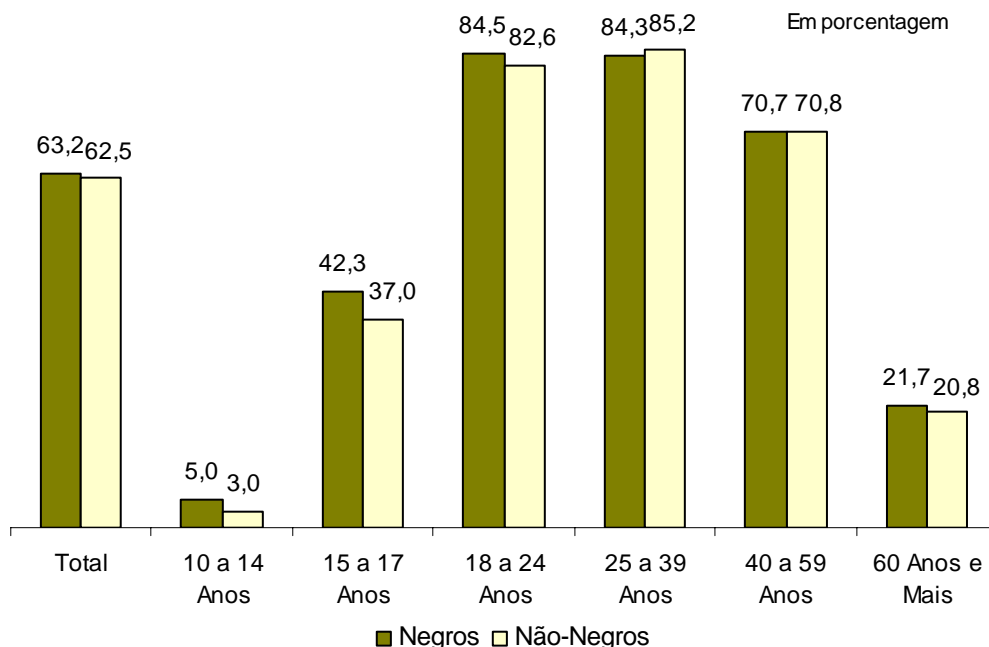
Indicadores	Números Absolutos (Em 1.000 pessoas)			Participação (Em %)	
	Total	Negros	Não-Negros	Negros	Não-Negros
PIA	16.224	5.824	10.400	35,9	64,1
PEA	10.189	3.678	6.511	36,1	63,9
Ocupados	8.681	3.038	5.643	35,0	65,0
Desempregados	1.508	647	861	42,9	57,1
Inativos (10 Anos ou Mais)	6.035	2.136	3.899	35,4	64,6

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

2. A taxa de participação³ dos negros (63,2%) era ligeiramente superior à dos não-negros (62,5%), em 2007. As informações do Gráfico 1 sugerem que os negros tendem a entrar mais cedo no mercado de trabalho e a permanecer nele por mais tempo, como mostra a taxa de participação mais elevada entre os negros nas faixas etárias extremas.

³ Indicador da proporção de pessoas com dez anos ou mais de idade que fazem parte do mercado de trabalho, como ocupadas ou desempregadas.

Gráfico 1
Taxa de Participação, por Faixa Etária, segundo Raça/Cor
Região Metropolitana de São Paulo
2007



Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

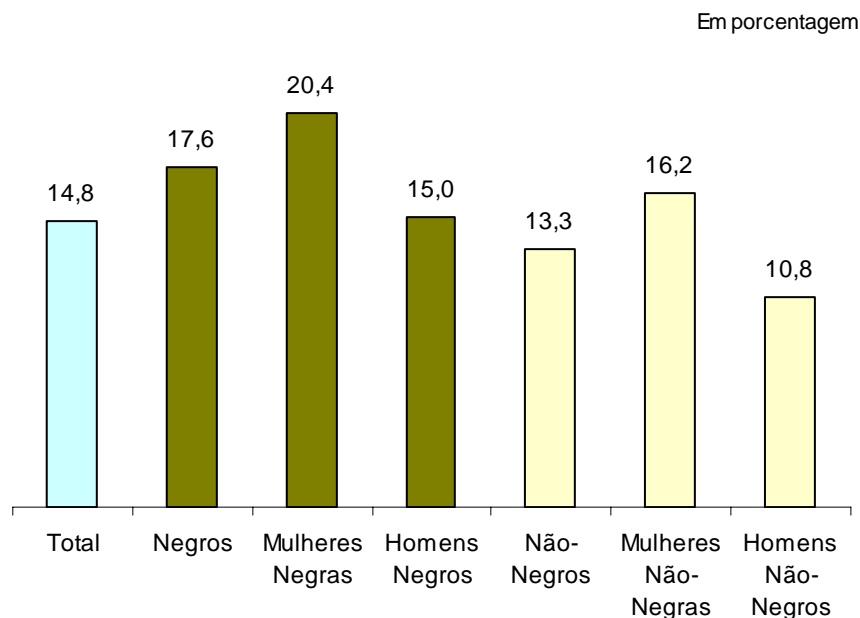
Essa diferença já foi maior no passado recente: em comparação com o registrado pela PED em 1998, a taxa de participação dos jovens de 10 a 14 anos diminuiu para a metade e em cerca de 10 pontos percentuais para os de 15 a 17 anos, entre negros e não-negros. Também para os negros de 60 anos e mais houve pequeno decréscimo (2,3 pontos percentuais), em contrapartida ao aumento nas demais faixas etárias. Esses movimentos estreitaram a diferença da taxa de participação entre negros e não-negros: de 63,2% e 60,8%, respectivamente, em 1998, para 63,2% e 62,5%, em 2007.

Desemprego

3. A taxa de desemprego dos negros correspondia a 17,6% em 2007 e a dos não-negros, a 13,3%, uma diferença, portanto, de 4,3 pontos percentuais. Para as mulheres há maior dificuldade de inserção produtiva, evidenciada pela taxa de desemprego recorrentemente superior à masculina. As mulheres negras, em especial, detêm os

resultados mais desfavoráveis, pois sua taxa de desemprego total era de 20,4%, em 2007 (Gráfico 2).

Gráfico 2
Taxa de Desemprego, segundo Raça/Cor e Sexo
Região Metropolitana de São Paulo
2007



Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

Também aqui as diferenças entre os dois segmentos diminuíram nos últimos anos. Entre 1998 e 2007, a taxa de desemprego total reduziu-se mais intensamente entre os negros (de 22,7% para 17,6%) que entre os não-negros (de 16,1% para 13,3%), aproximando, dessa forma, a taxa dos dois grupos.

4. As desempregadas negras passam mais tempo procurando trabalho – 54 semanas em média, em 2007 –, enquanto os homens negros despendem menor tempo nessa busca (45 semanas). Entre os não-negros, as mulheres gastavam 49 semanas e os homens, 47, no ano em análise.

Ocupação

5. Em 2007, o setor de Serviços manteve-se como principal absorvedor de mão-de-obra: estavam no setor 45,0% dos ocupados negros e 54,5% dos ocupados não-negros.

Seguem, em importância, para ambos os segmentos, a Indústria e o Comércio. A Indústria absorvia 18,9% dos ocupados negros e a mesma proporção de não-negros. O Comércio incorporava 15,4% dos ocupados negros e 16,6% dos não-negros.

6. Os segmentos produtivos em que a diferença entre negros e não-negros se acentua são exatamente aqueles que tendem a oferecer postos de trabalho com menores exigências de qualificação profissional, menores remunerações e, com frequência, condições de trabalho mais desfavoráveis: a Construção Civil e os Serviços Domésticos.

7. O primeiro setor, tipicamente masculino, absorvia 13,6% dos homens ocupados negros e 6,5% dos não-negros. O segundo, tipicamente feminino, empregava 26,4% das ocupadas negras e 11,9% das não-negras. Como se sabe, nesse setor ainda é pequena a formalização dos contratos de trabalho e é baixa a capacidade de organização dos empregados, o que tem levado, em muitos casos, ao exercício de longas jornadas de trabalho com baixa remuneração (Tabela 2).

Tabela 2
Distribuição dos Ocupados, segundo Setor de Atividade, por Raça/Cor e Sexo
Região Metropolitana de São Paulo
2007

Setores de Atividade	Total	Em porcentagem					
		Negros			Não-Negros		
		Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	18,9	18,9	14,2	22,8	18,9	14,3	22,5
Comércio	16,2	15,4	14,5	16,1	16,6	16,4	16,8
Serviços	51,2	45,0	44,0	45,8	54,5	56,6	52,9
Construção Civil	5,1	7,5	(2)	13,6	3,8	(2)	6,5
Serviços Domésticos	8,1	12,8	26,4	1,2	5,6	11,9	0,6
Outros (1)	0,5	(2)	(2)	(2)	0,5	(2)	0,7

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) Incluem Agricultura, Pecuária, Extração Vegetal e outras atividades não classificadas.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

8. No que diz respeito à jornada de trabalho, em 2007, o total de assalariados negros trabalhava, em média, 44 horas semanais, duas a mais do que os não-negros. As assalariadas negras exerciam jornada semanal de 41 horas, uma a mais do que as não-negras, e os homens negros trabalhavam 45 horas na semana, também uma a mais do que os não-negros.

9. Os resultados da pesquisa mostram, nos últimos anos, aumento da contratação formal, isto é, o crescimento mais intenso do assalariamento com carteira de trabalho assinada diante dos sem carteira e do trabalho autônomo. Analisando-se o total de

postos de trabalho gerados por empresas em 2007, observa-se que 68,4% destes obedeciam à forma de contratação padrão (assalariados contratados diretamente pela empresa, com carteira de trabalho assinada nos setores privado e público e estatutários). A proporção de negros com essa forma de contratação era de 65,1%, inferior à de não-negros (70,1%). Em contrapartida, 18,1% dos negros em postos de trabalho gerados por empresas não possuíam carteira de trabalho assinada (setor privado), 8,6% eram autônomos que trabalhavam para uma empresa e 6,7% eram assalariados subcontratados (a empresa onde trabalham difere da que lhes paga). Essas proporções superam em cerca de 2 pontos percentuais as registradas para os não-negros, o que permite constatar a maior fragilidade na forma de inserção produtiva da população negra (Tabela 3).

Tabela 3
Distribuição dos Ocupados em Postos de Trabalho Gerados por Empresas,
segundo Formas de Contratação, por Raça/Cor e Sexo
Região Metropolitana de São Paulo
2007

Formas de Contratação	Total	Negros			Não-negros		
		Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Contratação Padrão	68,4	65,1	62,7	66,6	70,1	70,8	69,6
Assalariados Contratados Diretamente							
Com Carteira no Setor Privado	58,5	57,8	51,8	61,7	58,9	55,4	61,5
Com Carteira no Setor Público	3,4	2,8	3,8	2,1	3,7	4,6	3,0
Estatutários	6,5	4,5	7,2	2,8	7,5	10,8	5,1
Outras Formas de Contratação	31,6	34,9	37,3	33,4	29,9	29,2	30,4
Assalariados Contratados Diretamente							
Sem Carteira no Setor Privado	17,1	18,1	17,2	18,8	16,6	15,7	17,3
Sem Carteira no Setor Público	1,4	1,4	2,4	(1)	1,5	2,1	1,1
Assalariados Subcontratados	5,0	6,7	8,0	5,9	4,1	3,8	4,4
Autônomos para uma Empresa	8,0	8,6	9,6	8,0	7,7	7,7	7,7

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

10. Outra forma de avaliar a qualidade da inserção profissional de negros e não-negros é pela análise da composição de grupos ocupacionais segundo níveis de qualificação e tipos de tarefas a eles associados. Nessa perspectiva, nota-se que os negros, em relação aos não-negros, estão mais presentes nos grupos voltados às tarefas de execução semiquualificadas e, principalmente, não-qualificadas, e que realizam tarefas de apoio de serviços gerais. Já os não-negros têm maior participação nos grupos de direção, gerência e planejamento, de tarefas de execução qualificadas e nas tarefas de apoio em serviços não-operacionais e em serviços de escritório, quando comparados aos negros (Tabela 4).

Tabela 4
Distribuição dos Ocupados, segundo Grupos de Ocupação no Trabalho
Principal, por Raça/Cor e Sexo
Região Metropolitana de São Paulo
2007

Grupos de Ocupação	Total	Em porcentagem					
		Negros			Não-Negros		
		Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Direção, Gerência e Planejamento	13,5	4,8	4,1	5,3	18,2	16,2	19,7
Direção e Gerência	6,2	2,3	1,8	2,7	8,3	5,9	10,1
Atividades de Planejamento	7,3	2,5	2,4	2,5	9,9	10,3	9,6
Tarefas de Execução	52,9	59,0	55,4	62,1	49,7	44,8	53,5
Qualificados	8,7	7,1	5,6	8,5	9,6	9,4	9,7
Semiquualificados	32,5	34,5	25,7	42,0	31,5	24,5	37,0
Não-qualificados	11,7	17,4	24,1	11,7	8,6	10,8	6,8
Tarefas de Apoio	20,7	21,1	26,6	16,4	20,5	27,8	14,7
Serviços Não-operacionais	9,3	8,2	7,6	8,7	9,8	11,5	8,6
Serviços de Escritório	4,0	3,0	5,0	1,3	4,6	7,8	2,1
Serviços Gerais	7,4	9,9	14,0	6,4	6,0	8,6	4,0
Maldefinidas	12,9	15,1	13,9	16,2	11,7	11,3	12,0

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

11. Um dos elementos explicativos dessas diferenças de acesso a postos de trabalho de qualidade reside nos níveis de escolaridade alcançados por negros e não-negros. Nas faixas que incluem as pessoas não alfabetizadas até as que possuem o ensino médio incompleto estavam classificados 58,5% dos ocupados negros e 37,6% dos não-negros. Nas que consideram do ensino médio completo até o superior completo, estavam 41,5% dos ocupados negros e 62,4% dos não-negros. Essas proporções devem ser relativizadas diante do ingresso mais precoce dos negros no mercado de trabalho (o que ampliaria a proporção de jovens nos anos iniciais de sua trajetória escolar entre os ocupados negros), mas seu número não parece suficiente para explicar diferenças tão acentuadas entre negros e não-negros.

O nível de escolaridade dos trabalhadores acompanhou a melhoria, neste quesito, da população em geral. Os ocupados negros, embora ainda se apresentem em proporções inferiores aos de não-negros nos níveis mais altos de escolaridade, experimentaram mudanças positivas em sua composição: em 1998, a maioria (54,0%) possuía apenas o ensino fundamental incompleto e 16,2%, o médio completo ou o superior incompleto; em 2007, estas proporções se equilibraram: 35,1% e 37,0%, respectivamente.

Rendimentos

12. Os dados de rendimentos médios são apresentados por hora, eliminando-se, dessa forma, problemas de comparação em razão dos diferenciais de jornada de trabalho entre negros e não-negros e homens e mulheres, já mencionados. Afora, portanto, a questão de jornadas de trabalho mais extensas, os negros encontram-se em ocupações mais frágeis, seja pela forma de contratação seja pela inserção em postos de baixa qualificação. Estas são as razões mais evidentes para as diferenças de rendimentos entre eles (R\$ 4,36) e os não-negros (R\$ 7,98). Entretanto, mesmo ao se compararem grupos mais homogêneos, como ocupados nos Serviços Domésticos, na Construção Civil ou que realizam tarefas de execução sem qualificação, os negros ainda ganham menos do que os não-negros.

Nos últimos dez anos, o rendimento médio por hora dos negros diminuiu 22,2% e o dos não-negros, 27,4%. A redução maior para os últimos fez com que o diferencial entre os dois grupos diminuísse ligeiramente.

13. Os negros recebiam, em média, pouco mais da metade do que os não-negros nos Serviços, na Indústria e na Construção Civil. No Comércio, essa diferença é menor (os negros recebiam 64,9% do rendimento dos não-negros). Nos Serviços Domésticos há grande semelhança nos valores auferidos por esses dois segmentos (R\$ 3,01 e R\$ 3,23, respectivamente), embora a situação dos não-negros seja um pouco mais favorável (Tabela 5). Essa maior homogeneidade pode ser explicada, em parte, pelo fato de as remunerações serem menores e menos dispersas nos dois últimos setores.

Tabela 5
Rendimento Médio Real por Hora (1) dos Ocupados (2) no Trabalho Principal,
segundo Setor de Atividade, por Raça/Cor e Sexo
Região Metropolitana de São Paulo
2007

Em reais de julho de 2008

Setores de Atividade	Total	Negros			Não-Negros		
		Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Total	6,70	4,36	3,82	4,84	7,98	6,88	8,66
Indústria	7,06	4,93	3,51	5,62	8,47	6,40	9,49
Comércio	4,71	3,50	3,02	3,81	5,40	4,67	5,93
Serviços	7,78	5,05	4,65	5,17	9,28	8,52	9,77
Construção Civil	5,34	3,93	(3)	3,93	6,71	(3)	6,25
Serviços Domésticos	3,12	3,01	3,00	(3)	3,23	3,23	(3)

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) Inflator utilizado: ICV do Dieese.

(2) Exclusive os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício. Exclusive quem não trabalhou na semana.

(3) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

14. Isso pode ser reiterado ao se observarem os rendimentos por nível de escolaridade: enquanto os negros com ensino fundamental incompleto recebiam 84,0% do que ganhavam os não-negros, essa proporção diminui à medida que os níveis de escolaridade aumentam, até chegar a 71,1% entre aqueles com o ensino superior completo (Tabela 6). É interessante notar que as mulheres – negras ou não-negras – obtêm rendimentos menores do que os homens de seu próprio segmento racial, mas quando se comparam os rendimentos de mulheres não-negras com o de homens negros, os primeiros são menores em praticamente todas as faixas de escolaridade, mas se aproximam à medida em que se amplia o nível de escolaridade.

Tabela 6
Rendimento Médio Real por Hora (1) dos Ocupados (2) no Trabalho Principal,
segundo Nível de Escolaridade, por Raça/Cor e Sexo
Região Metropolitana de São Paulo
2007

Em reais de julho de 2008

Nível de Escolaridade	Total	Negros			Não-Negros		
		Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Total	6,70	4,36	3,82	4,84	7,98	6,88	8,66
Analfabetos	2,97	(3)	(3)	(3)	(3)	(3)	(3)
Fundamental Incompleto	3,78	3,44	2,83	3,96	4,10	2,96	4,67
Fundamental Completo e Médio Incompleto	4,40	3,80	3,22	4,18	4,84	3,74	5,39
Médio Completo e Superior Incompleto	6,05	4,79	4,08	5,52	6,62	5,29	7,63
Superior Completo	18,82	13,86	(3)	(3)	19,49	16,55	23,00

Fonte: SEP. Convênio Seade – Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) Inflator utilizado: ICV do Dieese.

(2) Exclusive os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício. Exclusive quem não trabalhou na semana.

(3) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

15. O mesmo acontece com os grupos ocupacionais. No de maior rendimento – gerência, direção e planejamento –, os negros obtinham 57,3% da remuneração dos não-negros no mesmo grupo. Essa diferença diminui entre os que realizam tarefas de apoio: nos serviços gerais, por exemplo, era de 86,8% e entre os que realizam tarefas de execução e não são qualificados, chega a 95,7%.

16. Essas comparações reafirmam a inserção desfavorável dos negros no mercado de trabalho, e ainda pior das mulheres negras. A distribuição da massa de rendimentos do trabalho sintetiza esse quadro: os negros apropriavam-se, em 2007, de 23,1% do total da massa e os não-negros, de 76,9%. A mulher negra participava com 8,4% desse total.

Informações adicionais sobre as famílias, tendo como referência o chefe de domicílio, que normalmente é seu principal provedor, ajudam a entender a situação dos negros no mercado de trabalho. Em 2007, os chefes de domicílio negros, em relação aos não-negros, apresentavam maiores proporções de ocupados (69,6% e 67,9%, respectivamente) e de desempregados (7,4% e 5,3%) e menor parcela de inativos (23,1% e 26,9%).

O nível de escolaridade dos chefes de domicílio – negros ou não-negros – tende a ser menor do que de outros segmentos populacionais, situação típica de pessoas em faixas etárias superiores. Entre os chefes, as diferenças de escolaridade por raça/cor permanecem, com maior proporção de chefes negros apenas nos níveis de instrução mais baixos. O número médio de pessoas nas famílias chefiadas por negros é de 3,4 pessoas, enquanto nas chefiadas por não-negros é de 3,1 pessoas. Esse diferencial e a necessidade de mais integrantes da família trabalharem entre os negros podem ser melhor compreendidos ao se verificar o rendimento médio familiar per capita, de R\$ 471 para os negros, quase a metade do valor correspondente aos não-negros (R\$ 919).